



O desafio de promover a aprendizagem significativa na sala de aula

Júlio Furtado*

As ações do professor em sala de aula são consequência direta de suas crenças sobre como o ser humano aprende. Existem duas crenças básicas a esse respeito, que são (1) a ideia de que se aprende de fora para dentro e (2) a de que se aprende de dentro para fora. A primeira é resultante da ação da escola em que estudamos, e o professor que somos é fruto dessa escola. A forma como cada um de nós age em sala de aula foi aprendida muito mais com a prática dos professores que tivemos ao longo de nossa história escolar do que em nossas aulas de Didática e Fundamentos da Educação. Esse é um processo inconsciente que nos faz repetir o que fizeram conosco.

A crença de que a aprendizagem é um processo que ocorre de dentro para fora exige que quebreemos o paradigma que nos foi tão fortemente implantado pela escola em que estudamos. Para que a aprendizagem ocorra é preciso que, primeiramente, o educando construa um sentido pessoal e que isso se transforme em significado social. Logo, a primeira preocupação do professor deve ser a de ajudar o aluno a construir sentido sobre o que irá aprender e não a de apresentar conceitos e procedimentos prontos.

O modelo de aprendizagem que embasa as necessidades de nosso tempo não é mais o modelo tradicional que acredita que o aluno deve receber informações prontas e ter, como única tarefa, repeti-las na íntegra. A promoção da aprendizagem significativa se fundamenta num modelo dinâmico, no qual o estudante é levado em conta, com todos os seus saberes e interconexões mentais. A verdadeira aprendizagem se dá quando ele (re)constrói o conhecimento e forma conceitos sólidos sobre o mundo, o que vai possibilitar que aja e reaja diante da realidade.

***Júlio Furtado** é Mestre em Educação pela UFRJ, Pós-graduado em Orientação Educacional, Doutor em Ciências da Educação e Diplomado em Psicopedagogia pela Universidade de Havana (Cuba), Graduado em Geografia, Pedagogia e Psicologia, Palestrante e Escritor.



O prazer também se aprende

Sandra Bozza*

É preciso gostar para criar o gosto no outro! Todavia, até que ponto nós, adultos, gostamos de ler?

Será que compreendemos, de fato, a importância da leitura em nossas vidas e como ela pode determinar o desenvolvimento do ser humano?

Se, por um lado, a literatura, a leitura fruição, a leitura prazer é capaz de suavizar nosso caráter, nos tornar mais sensíveis e nos transformar em pessoas mais solidárias e mais atentas ao mundo que nos cerca, por outro, o ato de ler mobiliza, simultaneamente, todas as capacidades superiores do cérebro: atenção voluntária, memória, abstração, generalização, linguagem, inferência...

Trocando em miúdos, quanto mais lemos, mais inteligentes ficamos. Todavia, não me refiro aqui à aquisição de informações e conceitos que servirão de base referencial para outras e mais complexas leituras. Como dados, informações e a familiaridade com estruturas frasais mais elaboradas ou ainda com a linguagem metafórica. Obviamente, isso também ocorre e é o que vai servindo de base para a construção de um leitor maduro. Refiro-me, nomeadamente, à exigência da mobilização de capacidades cognitivas que apenas o ser humano possui e que, justamente por possuí-la, torna-se cada vez mais diferenciado da condição animal em que nasceu.

Essas capacidades eminentemente humanas não são herdadas a partir da genética e muito menos se caracterizam como dons divinos. Podem ser legadas culturalmente aos nossos filhos e nossos alunos. Porque o que nos torna, de fato, seres humanos são as capacidades forjadas, sistemática ou involuntariamente, no cotidiano de toda a vida do sujeito. Ou seja, caracterizam-se como herança cultural. É o grupo social no qual se está inserido que determinará o grau de inteligência de cada membro que está sob sua tutela, sob o poder de sua educação.

Esse conceito não é novo, mas convive simbioticamente com a ultrapassada crença de que as capacidades de cada um emergem de dentro de si e são apenas determinismos herdados de pai e mãe ou de alguém da família.

***Sandra Bozza** é linguista, filósofa, psicóloga, socióloga e escritora. Professora de Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa, de Literatura Infantil, de Linguística e de Metodologia de Ensino de Alfabetização e Letramento.



Conselho Editorial
Júlio César da Costa
Edinaldo Carvalho Silva

Jornalismo
Antônia Lucia Figueiredo
(M.7. RJ 226853/1)

Colaboração
Sandra Martins, Claudia Sanchez, Jéssica Almeida, Richard Günter, Leonardo Meça e Tony Carvalho

Fotografia
Marcelo Avila

Design Gráfico
Luiz Claudio de Oliveira
Marcel Schoccar Costa

Revisão
Sandro Gomes

Periodicidade e tiragem
Bimestral – 69.000 (sessenta e nove mil)

Impressão e distribuição
Gráfica Ediboro - Cordeiros

Professores, enviem seus projetos para a redação da Revista Appai Educar:

End.: Rua Senador Dantas, 117/229
2º andar – Centro – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 20031-911

E-mail: jornaleducar@appai.org.br
redacao@appai.org.br

Endereço Eletrônico:

www.appai.org.br

Tel.: (21) 3983-3200

• Os conceitos e opiniões emitidos em artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.